

FIXOS E FLUXOS DO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS CAMELÔS DO BAIRRO CENTRO DE MOSSORÓ-RN

Erik Albino de Sousa¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Fábio Ricardo Silva Beserra²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Resumo

Como citar:

SOUSA, Erik Albino de; BESERRA, Fábio Ricardo Silva. Fixos e fluxos do circuito inferior da economia: uma análise a partir dos camelôs do bairro Centro de Mossoró-RN. **Revista Geografia em Atos (Online)**, v. 6, p. 1-23, abril/2022. DOI:

<https://doi.org/10.35416/geoatos.2022.8528>

Recebido em: 2021-03-11

Devolvido para correções: 2021-06-12

Aceito em: 2021-11-01

Publicado em: 2022-04-22

O espaço geográfico contém fixos e fluxos, sendo os fixos materialidades e formas e os fluxos a dinâmica que lhes dá vida. O objetivo desse trabalho é analisar os fixos e fluxos do circuito inferior da economia em Mossoró a partir dos camelôs, agentes caracterizados devido seu ponto territorial. Para realização do trabalho utilizou-se como base revisão bibliográfica no que diz respeito aos fixos e fluxos, circuitos da economia urbana e camelôs enquanto agentes dessa economia. Em seguida desenvolveu-se o trabalho de pesquisas e entrevistas *in loco*, para entendimento de como esses agentes afetam e são afetados pela realidade urbana. A partir do estudo foram observadas diversas dificuldades encontradas por esses agentes devido à precariedade de seus fixos, que refletem na dificuldade de desenvolvimento de fluxos, fazendo com que esses agentes necessitem ocupar espaços com grande mobilidade de pessoas.

Palavras-chave: Camelôs; Fixos e fluxos; Dois circuitos da economia urbana.

¹Biografia do(a) autor(a). Licenciado e Mestrando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

E-mail: erikalbino2018@gmail.com

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-1082-3209>

²Biografia do(a) autor(a). Professor Adjunto do departamento de Geografia e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

E-mail: fabioricardo@uern.br

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-0873-0174>

FIXES AND FLOWS OF THE LOWER CIRCUIT OF THE URBAN ECONOMY: AN ANALYSIS FROM THE STREET VENDORS OF DISTRICT CENTRO OF MOSSORÓ-RN

Abstract

The geographic space contains fixed and flows, with fixed materiality and shapes and flows being the dynamics that give them life. The objective of this work is to analyze the fixed and flows of the lower circuit of the economy in Mossoró from the street vendors, agents characterized due to their fixed territorial point. For accomplishing this work, a bibliographic review was done with regard to fixed and flows, circuits of the urban economy and street vendors as agents of the urban economy, thusly the work of research and on-the-spot interviews was developed, to understand how these agents affect and are affected by urban reality. From the study, several difficulties encountered by these agents were observed due to the precariousness of their landmarks, which reflect on the difficulty development of flows, making these agents need to occupy spaces with great mobility of people.

Keywords: Street vendors; Fixed and flows; Two circuits of the urban economy.

FIJOS Y FLUJOS DEL CIRCUITO INFERIOR DE LA ECONOMÍA: UN ANÁLISIS DEL VENDEDORES AMBULANTES DEL BARRIO CENTRO DE MOSSORÓ-RN

Resumen

El espacio geográfico contiene fijos y flujos, siendo la materialidad fija y las formas y flujos la dinámica que les da vida. El objetivo de este trabajo es analizar los fijos y flujos del circuito inferior de la economía en Mossoró de los vendedores ambulantes, agentes caracterizados, por su punto territorial. Para la realización del trabajo se utilizó una revisión bibliográfica sobre los circuitos fijos y de flujos de la economía urbana y los vendedores ambulantes como agentes de la economía urbana. Luego, se desarrolló el trabajo de encuestas y entrevistas in situ para comprender cómo estos agentes afectan y son afectados por la realidad urbana. A partir del estudio se observaron varias dificultades encontradas por estos agentes debido a la precariedad de sus hitos, que reflejan la dificultad de desarrollar flujos, haciendo que estos agentes necesiten ocupar espacios con gran movilidad de personas.

Palabras clave: Vendedores ambulantes; Fijos y flujos; Dos circuitos de la economía urbana.

Introdução

Mossoró, no Rio Grande do Norte, exerce uma centralidade nas cidades vizinhas devido ser o maior município do interior do estado e a ponte de comunicação entre Natal e Fortaleza, no Ceará.

Na cidade os transeuntes não encontram apenas comércios e serviços modernos, pois concomitantemente aos estabelecimentos do circuito superior estão os fixos do circuito inferior da economia, que se instalam, dentre outras características, preferencialmente em localidades estratégicas de grandes fluxos de pessoas.

Entre os agentes do circuito inferior encontram-se os camelôs, que se caracterizam por:

- 1) Atuarem de forma direta na constituição de seu(s) território(s), materializado em seu ponto de venda em locais como calçadas ou praças, estabelecendo relação de apropriação e identidade com aquele espaço;

- 2) Agirem constantemente na manutenção e no pertencimento de seus fixos, (barracas, tendas, camelódromos ou qualquer outra materialidade utilizada por esses trabalhadores) e no desenvolvimento dos fluxos;

- 3) Manifestarem uma forma específica de fluxos de venda, que acarreta a necessidade da instalação dos fixos em locais de movimento de compradores em potencial.

O trabalho, que advém de resultado de pesquisa de monografia do autor principal e orientada pelo coautor, objetiva compreender como se caracterizam fixos e fluxos do circuito inferior da economia a partir dos camelôs situados no bairro Centro em Mossoró-RN e suas relações espaciais, os possíveis conflitos, dificuldades e a lógica de organização espacial desses vendedores.

A metodologia foi aplicada a partir das seguintes etapas: primeiramente com a revisão bibliográfica em busca da discussão de categorias e conceitos, bem como suas utilizações, como fixos e fluxos, circuitos da economia urbana, território, território usado, espaços públicos, etc. a partir de discussões feitas em Rocha (2005), Pinheiro (2007), Silva (2012), Fernandes (2008), Alves (2012), Jesus (2011), Haesbaert (2004), Santos (1998, 2002, 2007, 2006), Souza (2012), Arendt (2014), Carlos (2002, 2008, 2011, 2013) e Gomes (2012).

Para a segunda etapa foram realizadas entrevistas com diferentes agentes envolvidos na produção do espaço urbano. Simultaneamente, à pesquisa de campo foi conduzida pela análise da dinâmica dos movimentos, formas, processos e materialidades do cotidiano urbano. A escolha do bairro Centro como recorte decorre de ser o espaço com maior número de camelôs na cidade e também com maior fluxo de pessoas, transportes e capital.

As entrevistas foram feitas no próprio bairro Centro, realizadas no período entre setembro de 2018 e novembro de 2019, com perguntas abertas e fechadas, aplicadas tanto aos camelôs quanto aos transeuntes e lojistas. A partir da coleta de dados e entrevistas, conseguiu-se:

- Contabilizar 212 camelôs no bairro Centro, com diversos produtos e serviços.
- Entrevistar 24 camelôs de distintos produtos e serviços no bairro Centro (a quantidade de entrevistas foi devida a resistência dos camelôs);
- Entrevistar transeuntes de diferentes idades e perfis socioeconômicos distintos para compreender a relação desses com os camelôs, assim como ponto de vista a respeito dos espaços ocupados pelos vendedores informais;
- Entrevistar lojistas da economia formal de distintos produtos e em diversos espaços do bairro Centro para informações sobre sua relação com os vendedores camelôs.

É importante ressaltar que, devido à ilegalidade da apropriação do espaço público, os camelôs tiveram resistência em fazer as entrevistas, o que só ocorreu através da mediação de um de seus companheiros.

O trabalho estrutura-se primeiramente numa discussão dos vendedores camelôs a partir da teoria miltoniana dos dois circuitos da economia urbana. Em seguida, discute-se a respeito dos fixos e fluxos e suas manifestações no circuito inferior da economia a partir das relações dos agentes do espaço urbano como o poder público, os lojistas e a população.

Os camelôs sob perspectiva da teoria do Circuito Inferior da Economia

Muitas vezes confundidos com os ambulantes, os camelôs se diferenciam pelo fato de que esses possuem o seu ponto fixo, podendo ser um camelódromo, barraca ou tenda, havendo o seu ponto de venda apropriado. Caracterizando-os de acordo com Santos (2008a) como vendedores de rua e agentes do circuito inferior sedentários, por não precisarem estar em constante deslocamento à procura de sua freguesia.

Esse ponto pode ser analisado a partir do conceito de território na geografia, compreendido enquanto espaço apropriado, controlado e transformado pela sociedade. Manifesto através de uma “dupla” base, material e relacional delimitado por e a partir das relações de poder com consciência ou sentimento de sua apropriação (SOUZA, 2012; BLANCO, 2015), onde esses agentes utilizam-no enquanto território usado para sobrevivência.

De acordo com Silva (2012), os camelôs têm sua atividade desenvolvida na cidade de Mossoró-RN, principalmente a partir da demanda de uma grande população pobre existente, em que a partir do processo modernização histórico e geográfico das atividades econômicas produtivas na cidade, os trabalhadores encontram-se com seus empregos substituídos pelas máquinas.

Não conseguindo mais vender sua força de trabalho para as empresas, resta encontrar uma atividade capaz de fornecer renda. Todavia, como esta população não detém quantidade suficiente de capital para a realização de grandes investimentos, sobram-lhe na maioria das vezes a inserção no terciário, em ramos ou manifestações “inferiores”, de acordo com a classificação dos circuitos de Milton Santos (2008a).

A atividade de camelotagem caracteriza-se entre aquelas que Milton Santos (2008a) no livro *O Espaço Dividido* classificou como Circuito Inferior da Economia, na década de 1970. Para o autor, o ingresso nessa atividade não é difícil, haja vista que é necessária fundamentalmente a força de trabalho para iniciar um negócio.

De acordo com o autor, os vendedores de ruas, como os camelôs, “constituem o nível inferior da pulverização do comércio, o último elo da cadeia de intermediários entre os importadores, industriais, atacadistas e o consumidor” (SANTOS, 2008a, p. 218).

A sociedade urbana capitalista é desigual, a sua população é dividida entre aqueles que têm acesso aos bens e serviços de ponta, enquanto outros obtêm dinheiro insuficiente para isso. A partir dessa realidade, desenvolvem-se diferentes perfis de consumo quantitativamente e qualitativamente (SANTOS, 2013).

Os circuitos surgem como efeitos da modernização, sendo o circuito superior resultado direto da mesma e o circuito inferior resultado indireto. Ambos se desenvolvem de forma a atender tipos diferentes de perfis de consumidores enquanto consequência da desigualdade.

Apesar das distinções os circuitos mantêm suas relações, ora pois, estes estão não apenas subordinados as mesmas leis do sistema, como fazem parte do mesmo, essas relações são em níveis horizontais e verticais (SILVEIRA, 2015).

As relações horizontais dizem respeito as ligações dentre os próprios circuitos, como a compra de um produto entre vendedores do circuito inferior ou uma contratação de pequenos serviços dentro do próprio bairro ou cidade. No circuito superior essas relações ocorrem a partir de feitos como parcerias entre empresas ou contratações de agências para serviços como publicidade e propaganda.

As relações em níveis verticais ocorrem de um circuito para outro. Sendo a conexão entre os dois circuitos, partem de dinâmicas como a venda de produtos oriundos do circuito superior por pequenos vendedores como ambulantes e microempreendedores do circuito inferior. Outro exemplo dessas relações é a aquisição de crédito dos pequenos vendedores em instituições financeiras, obrigando, muitas vezes, à formalização da atividade realizada. Aliás, com a financeirização e a creditização da economia, os agentes do circuito inferior da economia urbana são inseridos em um processo de reestruturação na realização de suas atividades, utilizando venda à crédito, *marketing* de seus negócios, serviços de *delivery* etc. Essas são formas de emular as atividades realizadas no circuito superior da economia urbana, porém, não superando as características precárias comuns ao circuito inferior.

Para Souza e Santos (2014) apesar dos circuitos terem surgidos para atender demandas diferentes da sociedade, é perceptível à introdução de uma população pobre no circuito superior através dos apelos de consumo, mesmo não sendo este o seu público alvo e nem o mais frequente. Isto ocorre, pois “nos últimos anos as instituições financeiras têm enxergado a população de baixa renda como clientes potenciais, disponibilizando cartões de crédito e débito à classe trabalhadora” (POSTALI-SANTANA, 2017, p. 63).

No que diz respeito às atividades encontradas nos circuitos, de um lado há um circuito superior onde há o emprego formal e a necessária qualificação da mão de obra; por outro lado, o circuito inferior caracteriza-se por trabalhadores informais e não qualificados em sua maioria, que por muitas vezes, ainda acolhe aqueles que não conseguem outra forma de emprego (solidariedade na precarização ou precarização solidária?), já que:

Constitui também uma estrutura de abrigo para os cidadãos, antigos ou novos, desprovidos de capital e de qualificação profissional. Estes

encontram bem rápido uma ocupação mesmo que seja insignificante ou aleatória (SANTOS, 2008a, p. 202).

Quanto à relação entre vendedor e cliente, no circuito inferior ocorre de forma direta, não existindo fixação dos preços nos produtos. O fato de negociar é uma regra, o acordo dos preços não ocorre de forma fixa, mas de maneira flexível entre o vendedor e o cliente, resultando muitas vezes em produtos vendidos abaixo do preço anunciado inicialmente pelo vendedor. Isso acontece pelo fato de que “a acumulação de capital não constitui a primeira preocupação ou simplesmente não há essa preocupação, trata-se, antes de tudo, de sobreviver e assegurar a vida cotidiana da família” (SANTOS, 2008a, p. 46).

Para o circuito inferior o lucro não é a grande prioridade, mas sim a sobrevivência, por isso muitas vezes um camelô vende seus produtos sem real ganho de capital. Para os camelôs, o ato de guardar os produtos, mesmo que por algumas horas ou alguns dias, pode ser prejudicial. Para eles vale mais a pena vender o produto e garantir a recuperação do dinheiro líquido que será utilizado para o reinvestimento em vendas.

Outra característica marcante do circuito inferior é sua adaptação rápida às condições do mercado, seus produtos e serviços apresentam variações de acordo com o período do ano. Quando se aproxima o carnaval, por exemplo, os camelôs modificam com muita facilidade seus produtos voltando-se quase todos a essa atratividade. O mesmo ocorre em datas como festejos juninos, dia das mães, dia dos pais, dia dos namorados ou dia das crianças. As Figuras 1 e 2 representam isso.

Figuras 1 e 2. Tenda e carrinho adaptados para data comemorativa de festejos juninos

Fonte: Sousa (2019).

Isso ocorre com facilidade, pois a quantidade de capital investido por esses agentes é baixa, além de que o seu comportamento é um reflexo direto da demanda, ajustando-se ao mercado local, haja vista que dependem totalmente dele. A dinâmica do emprego nesse circuito é muito veloz, e como não há necessidade de especialização para as atividades como as de vendas, no caso dos camelôs, essas se adaptam quase que totalmente ou mudam se necessário, caso às condições que lhes são propícias.

Inicialmente, Milton Santos (2008a) afirmou, na teoria dos dois circuitos da economia, que a publicidade era nula no circuito inferior, pois necessitava de investimentos de capital e as atividades envolvidas não davam lucro suficiente para o desenvolvimento de tal prática.

Todavia, observa-se hoje, com as redes sociais, como houve uma expansão dessa atividade, modificando o que Côrrea (1997) havia afirmado, de que nesse circuito o alcance de influência era mínimo, “o alcance espacial mínimo define a área [...] que engloba o mínimo de consumidores suficientes para que um dado comerciante nela se instale” (CORRÊA, 1997, p. 58).

Não é incomum no mundo moderno encontrar páginas de vendedores do circuito inferior com centenas e até milhares de consumidores que são informados a respeito das novidades dos produtos e serviços ofertados pelo vendedor.

De acordo com Harvey (1992) o uso da publicidade se faz importante, pois o capitalismo precisa de expansão do seu produto, o que faz da publicidade uma dinâmica do crescimento de poder de venda. Com o desenvolvimento e as características atuais da sociedade, grupo que compõe o circuito inferior, também se utiliza de propagandas e publicidades para expandirem o acesso a seus produtos, mesmo que em pequena escala.

Outra realidade relativamente modificada é a necessidade somente do dinheiro líquido, em que “o circuito inferior tem uma verdadeira ‘fome’ de dinheiro líquido” (SANTOS, 2008a, p. 232). Hoje, assim como é possível encontrar camelôs ou demais agentes do circuito inferior apropriando-se da publicidade, também é possível encontrá-los com máquinas para recebimento de pagamentos em cartão de crédito e/ou débito.

Apesar das mudanças ocorridas na realidade a partir da leitura da teoria de Milton Santos (que é compreensível, considerando-se que a teoria fora desenvolvida na década de 1970 e a realidade é dinâmica), a essência da teoria continua tão viva como nunca. É possível, por exemplo, compreender os camelôs no que Santos (2006) denominou de “homens lentos”, sendo estes agentes que estão “por baixo” daqueles da velocidade dos processos políticos, econômicos e sociais das hegemonias. Embora seja reconhecida a necessidade de atualizações em relação ao conteúdo da teoria, suas categorias e conceitos, sua potência e alcance são tamanhos que não é possível descartá-la, a despeito de críticas empregadas a ela.

Apesar de ambos os circuitos serem subordinados às mesmas leis gerais do desenvolvimento capitalista, há uma relação hierárquica entre os circuitos, a qual o circuito inferior depende do circuito superior (SANTOS, 2013).

De acordo com Santos (2006) o espaço deve ser considerado a partir dos conjuntos dos fixos e fluxos, o primeiro sendo os objetos materiais fixados no espaço e o segundo as ações que lhes dão vida. Para o autor:

Os fixos (casa, porto, armazém, plantação, fábrica) emitem fluxos ou recebem fluxos que são os movimentos entre os fixos. As relações sociais comandam os fluxos que precisam dos fixos para se realizar. Os fixos são modificados pelos fluxos, mas os fluxos também se modificam ao encontro dos fixos (SANTOS, 2008b, p. 83).

Logo, os fluxos dependem dos fixos para alojar-se e os fixos dependem dos fluxos para terem algum significado social, dessa forma os “fixos e fluxos juntos, interagindo,

expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível para a geografia” (SANTOS, 2006, p. 38).

Numa análise a respeito dos fixos e fluxos a partir dos dois circuitos da economia urbana, Barbosa (2014) relata que enquanto no circuito superior os seus fixos são dotados de melhor infraestrutura, símbolos de *status*, autenticando cada vez mais as desigualdades sociais, no circuito inferior os fixos refletem o descaso do Estado à população, e demonstram os meios alternativos de subsistência da classe trabalhadora.

Concomitantemente com fixos mais escassos, os fluxos do circuito inferior serão muito menos expressivos do que comparado aos do superior, e é por esse alcance espacial menos expressivo que os camelôs tendem a se instalar em lugares de grandes fluxos de pessoas. Essa realidade se configura devido os fixos dos camelôs são caracterizados enquanto fixo econômico privado logo “estes são localizados segundo a lei da oferta e da procura” (SANTOS, 2011, p. 194).

As barracas, camelódromos e tendas se transformam em ritmo sazonal ao longo do ano, como em datas comemorativas, isto ocorre pois esses indivíduos tanto dependem do mercado local quanto o fato de seus fixos serem pequenos e precários, que com um pouco de capital conseguem modificar não apenas seus produtos, mas também o fixo quase que por completo.

Os camelôs podem ser compreendidos a partir do que Santos (2006) chama de contra-racionalidade, que se localizam de um ponto de vista social entre as classes de menor poder aquisitivo e das minorias; de um ponto de vista econômico entre as atividades marginais ou tradicionais e de um ponto de vista geográfico de localizações menos modernas.

Esses vendedores se instalam em locais propícios para abarcarem um número considerável de consumidores, levando em consideração que são espaços caracterizados por alta mobilidade de pessoas, parte do nomadismo contemporâneo, tornando o fixo dos camelôs quase que totalmente dependente de outros fluxos (GASTAL; PERTILE, 2013).

Essa dependência é notada em instalações de espaços da cidade com grandes fluxos como o bairro Centro, ou ainda no Terminal Rodoviário de Mossoró, que funciona também a Central do Cidadão e o Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN), ou em universidades como a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) ou a Universidade Potiguar (UNP),

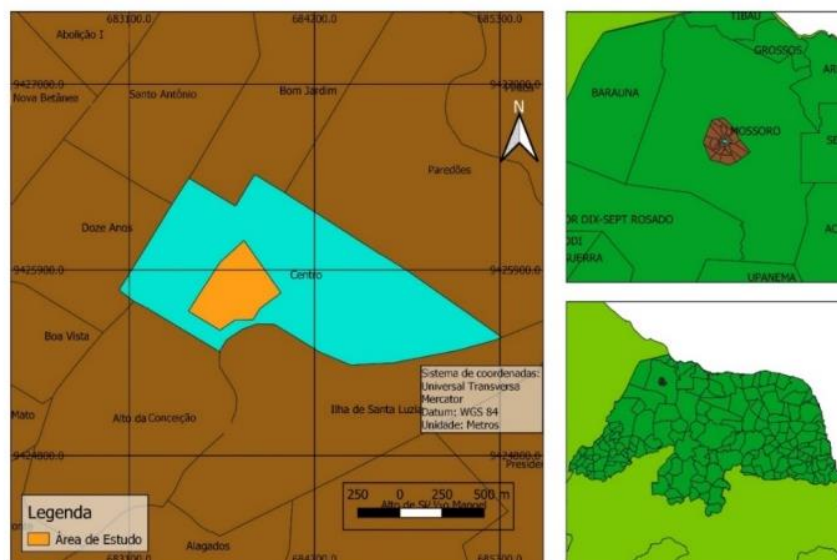
onde vendedores se instalam para aproveitar o fluxo dos transeuntes como viajantes, estudantes, etc., que se deslocam até o local não por eles, mas para os outros estabelecimentos.

Devido os camelôs não deterem de capital suficiente para dispor de uma propriedade privada, assentam-se geralmente em espaços públicos, principalmente nas principais ruas da cidade ou principais pontos que acreditam serem locais em potencial de consumidores.

Camelôs em Mossoró e o espaço como campo sobrevivência e lutas

No que diz respeito ao trabalho, o recorte espacial foi o bairro Centro da cidade; conforme já ressaltado é o espaço onde há maior concentração de atividades econômicas de comércios e serviços, assim como maior fluxo de pessoas, transportes e capital, sendo o local onde mais se encontrada a atividade dos vendedores camelôs (SILVA, 2012). A Figura 3 demonstra o recorde do espaço escolhido como área de estudo:

Figura 3. Área de estudo dos camelôs no bairro Centro de Mossoró

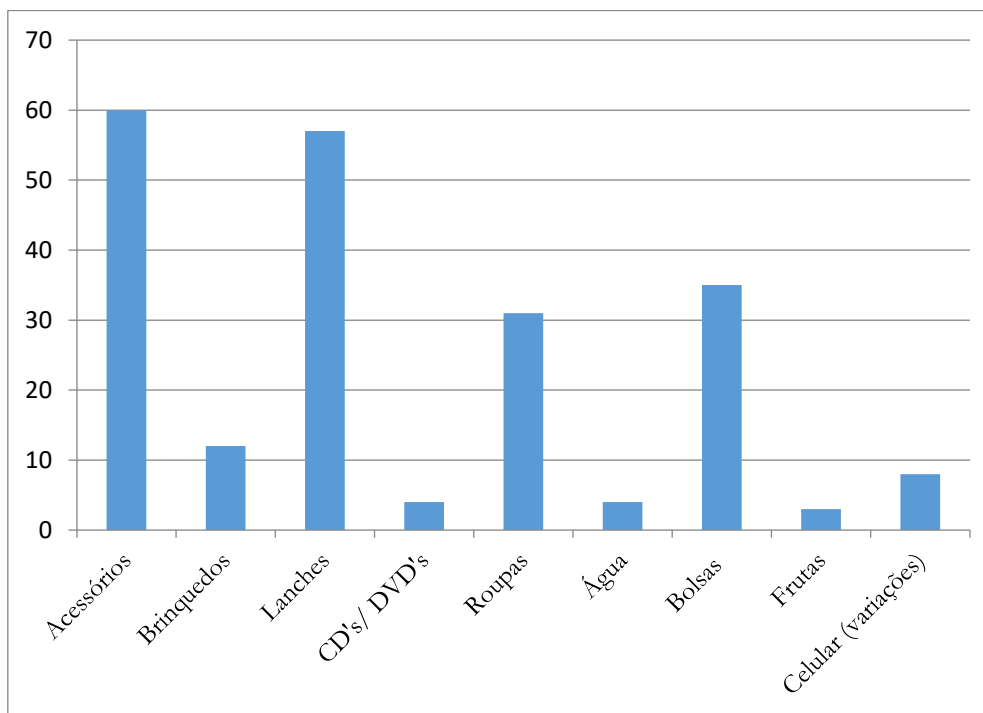


Elaboração: Sousa (2019).

No bairro Centro de Mossoró foram contabilizados, a partir de trabalho de campo, 212 camelôs espalhados tanto nas calçadas das ruas quanto nas praças, ofertando diversos

produtos, como observado no Gráfico 1. Todos os camelôs foram catalogados e classificados de acordo com os produtos de venda, mas no que diz respeito a entrevista, devido receios e resistências desses, o quantitativo foi de 13 vendedores.

Gráfico 1. Produtos vendidos pelos camelôs



Fonte: Sousa (Pesquisa de campo realizada no dia 14/11/2018)

Os vendedores instalam-se em locais que lhes são propícios, e muitas vezes nas calçadas em frente das lojas do circuito superior da economia, caracterizando a cidade como uma realidade anárquica dos comércios, como observado na Figura 04.

Figura 4. Produtos de camelô instalado em calçada frente a fixo do circuito superior



Fonte: Sousa (2019).

Imagens como estas são comuns, isso ocorre pois a cidade “torna-se o lugar de todos os capitais e todos os trabalhos, isto é, o teatro de numerosas atividades ‘marginais’ do ponto de vista tecnológico, organizacional, financeiro” (SANTOS, 2013, p. 10). A Figura 5 representa a espacialidade dos camelôs a partir das ruas em que estes foram encontrados e analisados para a pesquisa:

Figura 5. Ruas e espaços do Bairro Centro em que os vendedores camelôs foram encontrados para a realização da pesquisa



Fonte: Google Earth (2020)

Observa-se na Figura 5 que os Camelôs são encontrados em parte significativa das ruas do bairro Centro, demonstrando a grande quantidade presente em quase todo o bairro de forma dispersa. O Quadro 1 demonstra a quantidade de cada camelô encontrado nas ruas a qual a pesquisa fora realizada:

Quadro 1. Locais e tipos de produtos vendidos pelos camelôs

Produto	Accessórios	Brinquedos	Lanches	CD's DVD's	Roupas	Água	Bolsas	Frutas	Celulares e variações
Local									
Augusto Severo	1		2				3		
Coronel Gurgel	11	7	11	2	8		12	2	8
Cunha da Mota			11						
Bezerra Mendes	9	4	3				11		
Praça do Mercado	17		9	2	14		3		
Meire e Sá	8	1	2		8	2	5	1	
Calçada do Mercado	8		7		1				
Dix-Sept Rosado	2		5						
José de Alencar	2		4			1	1		
Idelino de Oliveira	2		2						
TOTAL	60	12	57	4	31	4	35	3	8

Fonte: Sousa (pesquisa realizada no dia 14/11/2018).

Observa-se que, embora de forma não igualitária, os vendedores estão localizados em várias ruas do bairro Centro, demonstrando serem agentes presentes na realidade urbana da cidade de Mossoró, ocupando e dividindo importantes espaços de fluxos de pedestres.

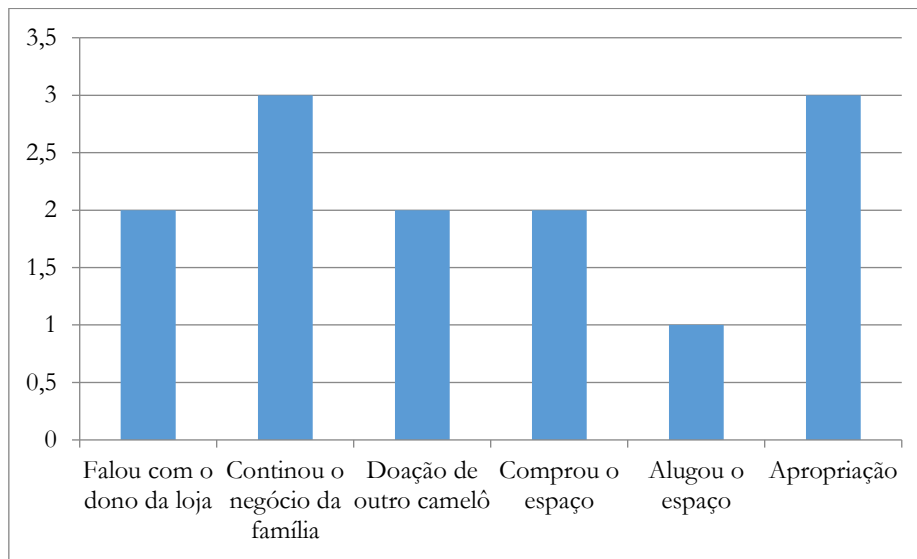
O espaço urbano se torna o local do encontro e sociabilidade dos indivíduos de diversas classes sociais que vivem, se reproduzem e apresentam diferentes desejos e necessidades. Estas distintas classes usufruem do espaço da cidade para seu abrigo e sustento onde:

O uso do solo urbano será disputado pelos vários segmentos da sociedade de forma diferenciada, gerando conflitos entre indivíduos e usos. Esses conflitos serão orientados pelo mercado, mediador fundamental das relações que se estabelecem na sociedade capitalista, produzindo um conjunto limitado das escolhas e condições de vida (CARLOS, 2008, pp. 46-47).

Enquanto alguns agentes, a classe dominante, obtém o poder sobre o espaço tendo como ponto de partida a propriedade privada (LEFEBVRE, 2008) e escolhem os melhores lugares para sua atuação econômica, social e política, para os agentes hegemonzados como os do circuito inferior há outra realidade (SANTOS, 2006).

Como muitas das vezes os camelôs não obtêm capital suficiente para comprar um espaço privado, o que lhes restam são os espaços públicos para serem apropriados e terem seus fixos estabelecidos. Dessa forma pode-se pensar o espaço público como “lugar da exclusão, onde determinados grupos são expostos e visto como não cidadãos ou como subcidadãos” (GOMES, 2012, p. 33).

O Gráfico 2, elaborado a partir da pesquisa com os camelôs, demonstra a forma como os vendedores apropriaram-se do espaço, os números estão representados em quantidade absoluta.

Gráfico 2. Resposta dos camelôs quando perguntados como conseguiram o espaço hoje ocupado

Fonte: Sousa (2019)

Algumas das falas desses vendedores para resposta da pergunta foram:

Apenas cheguei e fiquei, como nunca ninguém reclamou então estou aqui até hoje (Entrevistado 02, 44 anos, camelô há 15 anos).

Um conhecido meu trabalhava nesse ponto, como ele não estava conseguindo administrar então decidi vender, comprei a ele por um valor pequeno (Entrevistado 07, 40 anos, camelô há 12)

Esse espaço era do meu irmão mais velho, ele foi trabalhar em outro ramo e me ofereceu o ponto, como já trabalhava com vendas vi que aqui era uma boa oportunidade (Entrevistado 10, 38 anos, camelô há 11 anos).

A partir do Gráfico 2 e das falas citadas, percebe-se o quanto é comum na realidade desses agentes à apropriação do espaço público, quando 83% dos entrevistados assim atuaram, seja de forma direta com ações como a apropriação propriamente dita, continuidade do negócio da família, ou indireta, como um acordo informal com o dono da loja, estabelecendo sua barraca na calçada ou através de doações de outros camelôs.

O restante, 17% dos entrevistados, adentraram numa negociação do espaço público, pois esses ou compraram ou alugaram esse espaço. Realidade que não deixa de ser uma apropriação do espaço público, todavia, não de forma “espoliativa” como à maioria citada.

É a partir da apropriação dos espaços públicos que entra a maior dificuldade de fixação dos camelôs. Como suas instalações em espaços públicos não é legalizada, estas se mantêm a partir da resistência pelo seu ponto comercial, que pode ser compreendido como território, considerando-se que há uma relação de poder na apropriação do espaço.

A Figura 6 demonstra um dos atos de resistência dos camelôs para com o poder público, que frequentemente entra em ação para retirada desses trabalhadores dos locais que eles ocupam.

Figura 6. Manifestação dos camelôs em 2019 como ato de resistência ao Poder Público



Fonte: Prof. Tales Augusto (2019)

A Figura 6 trata do dia 10 de Abril, quando o Ministério Público do Rio Grande do Norte (MPRN) surpreendeu os camelôs de Mossoró com a notícia de que esses teriam o prazo de 90 dias para saírem dos seus locais de trabalho.

Como visto, territorializar, se apropriar do espaço, não significa ato harmônico e pacificação do local de trabalho, afinal, este espaço deve ser constantemente conquistado, através de conflitos diários para garantir que seu território conquistado seja mantido. Todos os vendedores relatam já ter tido algum problema, seja com outro vendedor ou com o poder público.

Durante a pesquisa, quando questionados se trocariam o atual espaço para algum outro 92% dos vendedores entrevistados responderam que não trocariam, observa-se a fala de alguns destes vendedores:

Não, o centro da cidade é o melhor ponto para venda, aqui no final do mês muitas vezes ainda fico apertado, com pouco dinheiro para pagar as contas. Ir para outro lugar poderia dificultar mais ainda. (Entrevistado 04, 48 anos, camelô há 30 anos)

Não, devido a localidade, uma esquina no centro... no coração da cidade de Mossoró... onde tem movimento. Se eu sair daqui vou vender a quem? (Entrevistado 09, 37 anos, camelôs há 10 anos).

Depende do lugar. Aqui é o coração da cidade e consigo vender bem, sem falar que eu gosto muito desse espaço. (Entrevistada 01, 39 anos, camelô há 10 anos).

Nota-se nas falas o que Rodrigues (2008) afirma a respeito dos vendedores camelôs, compreendendo que há inúmeros motivos que os levam a sentirem insegurança e resistirem a trocar território já conquistado, tais como: 1) A distância entre o novo local territorializado e as ruas de principais fluxo de pessoas e comércios; 2) O apego ao território antes conquistado devido as vivências e relações sociais ali obtidas; 3) O comodismo de trocar de espaço após estabelecimento do seu ponto fixo; 4) A insegurança de não lucrar no novo território; 5) A perda total do antigo território.

A resistência dos camelôs por seus espaços é pertinente devido ao fato do aumento do número de vendedores, a antiga e crescente territorialização sobre o espaço e a dinâmica social desenvolvida por esses informais; esses fatos, transformaram os camelôs em um grupo muito bem articulado, onde a luta de classes ecoa do social para o espacial (JESUS, 2011). Essa luta deve vir por e para a classe trabalhadora considerando-se que as transformações sociais:

Não pode deixar de se apoiar na presença e na ação da classe operária, a única capaz de pôr fim a uma segregação dirigida essencialmente contra ela. Apenas esta classe, enquanto classe, pode contribuir decisivamente para a reconstrução da centralidade destruída pela estratégia de segregação e reencontrada na forma ameaçadora dos “centros de decisão”. Isto não quer dizer que a classe operária fará sozinha a sociedade urbana, mas que sem ela nada é possível (LEFEBVRE, 2006, p. 112).

No que diz respeito a relação dos vendedores com demais agentes do espaço, a pesquisa demonstrou que embora haja incômodos, o processo é tranquilo como um conjunto.

Observa-se ainda como a presença dos camelôs faz parte do convívio social da população. A partir da pesquisa de campo, quando perguntado à população transeunte se esta já adquirira algum produto dos camelôs, 93% confirmaram que sim.

Quanto aos espaços ocupados, é observável que esse não é um problema na opinião da população e dos comerciantes do circuito superior. Dos comerciantes, 83% relataram nunca ter problemas com os camelôs, enquanto 66% descrevem não se sentirem prejudicados.

Os representantes de lojas que se sentiram prejudicados relataram situações como concorrência e o fato de os camelôs dificultarem a visibilidade da loja:

Apesar de nunca ter tido problemas com os camelôs, quando ocupam a calçada da minha loja atrapalha um pouco, a passagem das pessoas e a visão da loja. Mas o problema maior é caso venda produtos semelhantes aos meus. (Entrevistado 17, presente na cidade há 14 anos)

Como visto, os camelôs em Mossoró, apesar de dificultarem a visibilidade de suas lojas e da concorrência direta com a economia formal, convivem com esse agente de forma relativamente passiva, onde até mesmo os concorrentes recorrem aos camelôs para usufruir de seus produtos e serviços.

Com isso, consolida-se também a realidade de que a economia informal sobrevive devido à economia formal, já que os trabalhadores informais necessitam do capital dos trabalhadores assalariados que consomem os seus produtos.

Em relação a população, quando questionada sobre a presença dos camelôs nos espaços ocupados por eles hoje, e se estes são positivos, 66% disseram que sim. A seguir algumas respostas a respeito desta pergunta:

Acho positiva, é o meio de vida deles, às vezes procuramos nas lojas e não encontramos, sem falar que nos camelôs é bem mais barato (Entrevistada 30, 42 anos).

Acredito que deveria haver um espaço apropriado para eles, sei que emprego é difícil e essa é sua forma de trabalho, mas atrapalha o fluxo das pessoas aqui (Entrevistado 23, 25 anos)

Acho positiva, mas que deveriam encontrar um espaço para eles porque no Centro fica muito tumultuado, atrapalha a gente, pois eles usam as calçadas onde na verdade é o espaço dos pedestres (Entrevistada 34, 33 anos).

Acho positivo, esse pessoal não tem emprego e quando não se encontra de jeito nenhum tem que dar um jeito mesmo, sei que às vezes atrapalha um pouco, mas não é nada demais não (Entrevistado 26, 30 anos).

Observa-se nas falas dos entrevistados que, mesmo sendo diretamente prejudicada em seu fluxo e tendo seus espaços públicos reduzidos, a maioria da população não se sente prejudicada com a presença dos camelôs, pois, apesar de reconhecer que os espaços atuais não são adequados, admitem os benefícios da atividade dos camelôs, como o baixo preço de seus produtos e uma maior variedade que às vezes não são encontradas nas lojas do circuito superior.

De acordo com Córrea (2002) a cidade se torna palco dessas ações, em razão de que o espaço urbano deve ser compreendido como cenário e objeto das lutas sociais, que visam nada mais do que o direito à cidade e a cidadania igualitária para todos, não importando sua classe ou categoria.

Conclusões

A partir dessa pesquisa observou-se que os vendedores camelôs podem ser analisados com base na teoria do circuito inferior da economia em sua essência, apesar da teoria ter sido proposta a primeira vez na década de 1970 e a realidade não continuar a mesma; esses sujeitos serão sempre inferiores enquanto houver um superior moderno, tecnológico e de alto poder capital.

Caracterizado pela ausência de poder capital, modernidade e tecnologia, o circuito inferior tem seus fixos precarizados, acarretando em fluxos frágeis que se tornam dependentes dos fluxos de outros fixos como os do circuito superior. Fora observado que os fixos desses agentes revelam o descaso do Estado perante essa parcela da população, assim como simbolizam a materialização das alternativas de subsistência de alguns indivíduos da cidade.

Devido à falta de capital, esses indivíduos muitas vezes conseguem apenas na apropriação do espaço público um espaço seu para sobrevivência financeira e instalação dos seus fixos com fluxos de pequeno alcance de influência espacial.

É a partir dessa instalação do espaço público que esses vendedores passam a resistir, haja vista que essa apropriação não é pacífica, pois não é normalizada, assim como causa

certa influência à realidade cidadina aos demais agentes do espaço, como a população que tem seu fluxo obstaculizado e os demais vendedores de lojas que tem uma concorrência direta na sua calçada.

A pesquisa demonstrou que apesar dessa influência dos indivíduos do circuito inferior nas ruas, tanto a população quanto os lojistas não os veem como algo negativo, muitas vezes levando em consideração o lado positivo dos mesmos nesses espaços, como o aumento da variedade de produtos vendidos e o preço mais acessível.

Almeja-se que esse estudo sirva como material bibliográfico para compreensão dos indivíduos marginalizados pelo capitalismo, assim como uma atualização para pesquisas sobre fixos e fluxos do circuito inferior da economia urbana numa perspectiva mais contemporânea.

Referências

BARBOSA, Jessica Oliveira. **A Representação dos Fixos e Fluxos no circuito superior e circuito inferior da economia urbana brasileira**. ANAIS DO VII CBG, Uberlândia, UFU, 2014.

BLANCO, Jorge. Territorio, circulación y redes: articulaciones y tensiones. IN: ARROYO, M. CRUZ, R. C. A. da. **Território e circulação: a dinâmica contraditória da globalização**. São Paulo: FAPESP/PPGH/CAPES/Annablume geografia, 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. Ed. São Paulo. Ed: Contexto. 2008.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

GASTAL, Susana; PARTILE, Krisciê. **As comidas de rua entre fixos e fluxos**. X SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO. Universidade de Caxias do Sul, 2013.

GOMES, Paulo César da Costa. Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço. **Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço**. (org.) CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2012.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo. Edições Loyola. 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (IBGE). **Regiões de Influências das cidades 2018 (Regic)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

JESUS, Cláudio Roberto de. **A Geografia Urbana do Camelô Belo-Horizontino**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. São Paulo. 4, ed. Centauro, 2006.

LEFEBVRE, Henry. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008

POSTALI-SANTANA, Valéria Barreiro. A cidade contemporânea e os dois circuitos da economia urbana: o que há de novo?. In: BOVO, Marcos Clair; COSTA, Fábio Rodrigues da (org.). **Estudos urbanos: conceitos, definições e debates**. 2017.

RODRIGUES, Ivanildo Dias. **Dinâmica geográfica da camelotagem: a territorialidade do trabalho precarizado**. 2008. 186 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2008.

SANTOS, Milton. O espaço da cidadania e outras reflexões. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011).

SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana**. 3. Ed., 1. Reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton. **O espaço Dividido: Os dois circuitos da Economia Urbana dos países subdesenvolvidos**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5. Ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2008b.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. Ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2006.

SILVA, Romero Rossano Tertulino da. **O circuito inferior da economia urbana em Mossoró: a dinâmica do comércio ambulantes**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

SILVEIRA, Maria Laura. Modernização contemporânea e nova constituição dos dois circuitos da economia urbana. **Revista GEOUSP**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 245-261, maio./ago. 2015.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In. Org: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas** 15ªed –Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

SOUZA, Silmara Lopes de, SANTOS, Clélio Cristiano dos. **A pobreza e os dois circuitos da economia urbana: reflexões teóricas**. VII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS. Vitória-ES, 10-16 de Agosto, 2014.